

FARIAS, O. H. Linguagem Neutra: uma questão linguística ou discursiva? *ReVEL*, v. 21, n. 41, 2023. [www.revel.inf.br].

Linguagem Neutra: uma questão linguística ou discursiva?

Neutral Language: a linguistic or discursive question?

Olden Hugo Farias¹

olden.farias@ifnmg.edu.br

RESUMO: No início do século 21, junto de um poder de capilaridade e alcance das redes sociais, a Linguagem Neutra, proposta pelos movimentos LGBTQIAP+², foi divulgada como mecanismo de combate à exclusividade dos gêneros masculino x feminino na Língua Portuguesa. As lutas ideológicas implicadas nesse fenômeno, favoráveis e opostas à neutralização do gênero, argumentam em torno dos aspectos de funcionamento da língua com o propósito de se inscreverem na discussão: por um lado, argumentam sobre a preservação de um patrimônio linguístico, e, por outro, afirma-se possível a criatividade na reestruturação de regularidades que possibilitam o gênero neutro. Entretanto, há diversos fatos relacionados à noção de sistema linguístico independente que talvez se mostrem incompatíveis com o estabelecimento das propostas de combate ao binarismo, o que pode inviabilizar a inscrição da Linguagem Neutra no âmbito das discussões essencialmente linguísticas. Por outra vista, um modo de compreender o funcionamento e o significado sócio-histórico desse fenômeno se estabelece pela análise de seus processos de enunciação e do seu caráter de resistência a um discurso preponderante no interdiscurso, o qual dá terreno às lutas ideológicas. Em meio ao antagonismo preservação da língua X mudança da língua, este estudo pretende mostrar, através de análises da materialidade de enunciados de comunidades LGBTQIAP+ em dois perfis do Instagram (@lgbtq_orgulho_e @universolgbti), a primazia do caráter de resistência em detrimento dos aspectos essencialmente linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem neutra; discurso não binário; sistema linguístico; resistência.

ABSTRACT: At the beginning of the 21st century, together with the power of capillarity and reach of social networks, the Neutral Language, proposed by the LGBTQIAP+ movements [Lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, intersex, asexual, pansexual and other variations.], was disclosed as a mechanism to combat the exclusivity of the male x female genders in the Portuguese language. The ideological struggles involved in this phenomenon, favorable and opposed to the neutralization of gender, argue around the aspects of language functioning with the purpose of inscribing themselves in the discussion: on the one hand, they argue about the preservation of a linguistic heritage, and, on the other, it is possible to be creative in the restructuring of regularities that make gender neutral possible. However, there are several facts related to the notion of an independent linguistic system that may prove

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos – Linguagem, sujeito e discurso – Universidade Federal de Uberlândia.

² Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras variações.

to be incompatible with the establishment of proposals to combat binarism, which may prevent the inclusion of Neutral Language in the context of essentially linguistic discussions. On the other hand, a way of understanding the functioning and socio-historical meaning of this phenomenon is established by analyzing its enunciation processes and its character of resistance to a preponderant discourse in the interdiscourse, which gives ground to ideological struggles. In the midst of the antagonism of language preservation X language change, this study intends to show, through analysis of the materiality of utterances of LGBTQIAP+ communities in two Instagram profiles (@lgbt_orgulho _ and @universolgbti), the primacy of the character of resistance to the detriment of essentially linguistic aspects.

KEYWORDS: neutral language; non-binary speech; linguistic system; resistance.

Introdução

Guiando a reflexão pelo auxílio dos conceitos de Sistema (Saussure, 1916), Discurso (Maingueneau, 2008) e Resistência (Fernandes, 2020), este artigo propõe, como objetivo principal, a busca pela compreensão da Linguagem Neutra como um fenômeno de valor sócio-histórico diante da possibilidade de que esse movimento social resulte em uma alteração no sistema linguístico. No interdiscurso, no campo das disputas sociais e das lutas ideológicas, há os posicionamentos de reproche, de repúdio e de negação à Linguagem Neutra com base na argumentação de que essa linguagem seria espúria e ameaçadora às bases genuínas da Língua Portuguesa, como fica demonstrado em documentos oficiais, de caráter conservador, discutidos por Seidel (2021) que impõem interdição à Linguagem Neutra:

a exemplo do Projeto de Lei n.º 5.385, de 04 de dezembro de 2020, que veda o uso da linguagem neutra na grade curricular e no material didático de instituições de ensino públicas ou privadas na educação básica e superior, por tal linguagem não possuir “[...] absolutamente nenhum embasamento científico” (Brasil, 2020c) (Seidel, 2021: 2).

Em contrapartida, há o posicionamento em favor da Linguagem Neutra como movimento de mudança social e que materializa e efetiva essa linguagem em usos rotineiros. Neste artigo, algumas materializações da Linguagem Neutra foram observadas e analisadas a fim de verificar seu funcionamento linguístico e discursivo como base em postagens dos perfis públicos @universolgbti e @lgbt_orgulho_, no Instagram. O perfil @universolgbti tem, no início de 2023, mais de 360 mil seguidores e mais de 6 mil publicações, e o perfil @lgbt_orgulho_ tem mais de 33 mil seguidores e mais de 1600 postagens. Esses perfis virtuais específicos põem em circulação as

propostas da Linguagem Neutra e demonstram, no conjunto de suas postagens, a ostensiva marca identitária que é a oposição ao binarismo.

1 Referencial teórico

1.1 Uma questão linguística ou discursiva?

O sistema da língua é dotado das formas necessárias (isto é, dos meios linguísticos) para emitir a expressão, mas a própria língua e as suas unidades significativas – as palavras e orações – carecem de expressão pela própria natureza, são neutras (Mikhail Bakhtin, 2003 [1953]: 296).

Toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica (Valentin Volochínov, 2014 [1929]: 126).

A Linguagem Neutra (ou Linguagem Não Binária, ou Pronome Neutro, ou Neolinguagem) pode ser considerada um fenômeno linguístico por envolver morfemas indicadores de gênero em Língua Portuguesa como a desinência de feminino “-a” ou o “ø”³ (morfema zero) e o “-o”⁴, que indicariam gênero masculino. As marcas linguísticas de feminino e masculino ou o lugar vazio de uma desinência seriam substituídos, em casos específicos, por elementos como “@”, “x” ou “e”, por exemplo, que neutralizariam o gênero gramatical na Língua Portuguesa no propósito de efetuar uma adequação ao que seria concebido como um caráter da existência inequívoca de tão somente 2 gêneros gramaticais (como representantes de dois sexos ou gêneros sociais exclusivos⁵) na estrutura de nossa língua⁶.

No entanto, há variados elementos referentes ao que compõem um sistema linguístico que talvez possam restringir a discussão da Linguagem Neutra como pertencente ao âmbito de uma discussão linguística. Uma característica fundamental de um sistema linguístico seria o caráter da mudança que se efetiva ininterruptamente

³ Conferir Laroca (1994: 48).

⁴ Celso Cunha e Lindley Cintra (2007: 93) classificam o morfema “-o” como desinência nominal de gênero masculino.

⁵ O combate ao sexismo na língua é uma propriedade de reivindicações de um ativismo feminista para a Linguagem Inclusiva de Gênero, enquanto os objetivos da “Linguagem Neutra” centram-se na dilapidação do binarismo, este que concebe uma dualidade inequívoca e natural dos sexos. Obviamente há pontos de interseção nessas reivindicações. Conferir Sena Gomes (2022).

⁶ Neste artigo, emprego o termo “língua” para questões de funcionamento sistêmico; mobilizo o termo “linguagem” para aspectos que extrapolam o sistema linguístico *stricto sensu*, como questões relacionadas à interação e ao funcionamento discursivo; e o termo “língua(gem)” faz relação à imbricação entre questões de ordem da língua e de ordem da interação e do discurso.

em qualquer língua natural viva. Perpassando a história de comunidades e sociedades, a língua(gem) não se mantém inalterada em razão da própria organização social mutável em tecnologias, distribuição socioeconômica, lutas de classes e de posicionamentos ideológicos.

Essa (re)organização social, embora constante, não se dá de um minuto ao outro, de forma que a mudança linguística também se realiza lentamente, acompanhando as transformações sociais e mantendo a possibilidade de comunicação. Por isso, “mudanças abruptas e repentinas são impossíveis, pois, se ocorressem, destruiriam as próprias bases de interação socioverbal” (Faraco, 2005: 34).

Outro fato que dificulta a tomada da Linguagem Neutra como uma discussão essencialmente linguística seria o caráter da língua como um sistema homogêneo, de acordo com Saussure, pois seu funcionamento ocorre conforme regras partilhadas socialmente e só se faz um sistema “nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (Saussure, 2012: 45).

A arbitrariedade do signo linguístico está associada ao tempo, ao passado, à massa social, à mutabilidade e à imutabilidade da língua, visto que nenhum indivíduo tem o poder de alterar o sistema que garante a autonomia da língua. A linguagem que se põe como neutralização do gênero gramatical seria, nesse sentido, a proposta de um grupo ancorado no tempo e na história demarcando identitariamente um lugar social, e não falantes que alteram de imediato e voluntariamente o sistema linguístico, visto que a mudança é gradual e independente da volição dos falantes.

Importa destacar que as reflexões acerca de mudanças acima da consciência atestam que as alterações intencionais são um fato da dinâmica da mudança linguística, entretanto o sistema impõe restrições também a esse modo de intervenção consciente, como pode se mostrar um limite a naturalidade da regra:

A noção de espontaneidade não é de fácil caracterização em Linguística. Nos dias atuais, no caso específico de uma mudança envolvendo marcas inclusivas de gênero, esses usos podem facilmente se disseminar por redes sociais, blogs e outros expedientes virtuais, em grande parte na modalidade escrita. O exame da densidade de uso de formas inovadoras em postagens de redes sociais, por exemplo, é um expediente que pode contribuir para a compreensão do grau de espontaneidade na propagação de uma mudança deliberada (Schwindt, 2020: 5).

Considerando essa mudança consciente⁷, a naturalidade e a espontaneidade são “critérios igualmente não dispensados por uma mudança deliberada” (Schwindt, 2020: 5) e podem se impor como limitações para a produtividade de regras de funcionamento para a neutralização de gênero.

No tempo, as principais características das variações em língua consistem em ser lentas e graduais, e “costuma-se justificar a lentidão e a gradualidade da mudança linguística com fundamento na necessidade dos falantes de terem a intercomunicação permanentemente garantida” (Faraco, 2005: 34). Assim, seria difícil se modificar o sistema por um ato impositivo ou normativo instantâneo de determinado grupo de falantes. Ainda que o sistema seja passível de modificações, “não há mudança *irrefreável*, como inadvertidamente alguém poderia supor” (Schwindt, 2020: 12, grifo no original). É necessário que haja a prova do conhecimento linguístico (sistemas de marcação e de produtividade de formas linguísticas), conforme Schwindt (2020: 12): “Toda mudança, para que alcance a coletividade, está submetida a esse conhecimento. (...) Enquanto processo, qualquer mudança pode ser impulsionada ou freada por variáveis de natureza linguística (...) ou sociais”.

A arbitrariedade do signo linguístico consiste no fato de que a relação entre o significante e o significado é imotivada, ou seja, a imagem acústica não é derivada do conceito a que se refere. O signo, entretanto, tem arbitrariedade relativa, pois, dentro do sistema linguístico, está sujeito às regras desse sistema, como no caso dos estrangeirismos que, uma vez inseridos em determinada língua, se submetem às relações necessárias entre os elementos. Nesse ponto, chama a atenção o fato de que Saussure já analisava as relações entre línguas de maneira estabelecidamente científica ao afirmar que o estrangeirismo inserto numa língua “não é considerado mais como tal desde que seja estudado no seio do sistema; ele existe somente por sua relação e oposição com as palavras que lhe são associadas, da mesma forma que qualquer outro signo autóctone” (Saussure, 2012: 55).

Isso chama a atenção porque o pensamento de Saussure no Curso de Linguística Geral se opõe a pensamentos do século 21 que tomam língua como um organismo vivo que pode se prejudicar pela entrada de “elementos externos” ou “corpos estranhos” como os estrangeirismos, ou a própria Linguagem Neutra. Ademais, se evidencia com

⁷ Para ampliar a reflexão sobre a mudança acima da consciência, remete-se à leitura de Schwindt (2020) e Cavalcante (2022), que comentam os apontamentos de William Labov, na década de 60, acerca de intervenções propositas na língua.

as oposições – aparentemente paradoxais –, de arbitrariedade relativa e arbitrariedade absoluta ou ainda de mutabilidade e imutabilidade, “que a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la”⁸.

Além disso, a Linguagem Neutra enfrenta obstáculos para efetivar ampla alteração no sistema linguístico, já que, em seu plano inicial, limita-se a modificar tão somente vocativos, saudações e chamamentos, sem implicações em outros elementos do sistema, com poucas condições de atingir a extensão de mudanças sintagmáticas ou fonéticas. Em estruturas como “Bom dia a todas, todos e todes”, a marcação de neutralização funcionaria sem obstáculos evidentes nas regras morfofonêmicas, mas em estruturas maiores, com determinantes empregados, as adaptações enfrentariam empecilhos, já que suas regularidades se aplicam, de modo geral, apenas a nomes (substantivos e pronomes) como indicia o próprio título Pronome Neutro que ocorre paralelamente ao título Linguagem Neutra.

Quanto à mudança na ordem fonética, o que se verifica é que o sinal de “@” ou o “x” (gradativamente abandonados e eliminados da “Linguagem Neutra”⁹) não se adequam foneticamente ao sistema da Língua Portuguesa, e a solução apresentada como uma desinência neutra “-e” (“amigue”) encontraria empecilhos em palavras que já portam um “-e” final, como nas oposições mestre x mestra, presidente x presidenta, parente x parenta ou governante x governanta ou ainda aquele x aquela. Quanto ao emprego do “-e” como marcador de neutro, Schwindt (2020: 16) adverte:

não se pode perder de vista que a inclusão de um -e designando neutro nesse grupo força a identificação de -a e -o como marcas respectivas de feminino e masculino, ou seja, demandando, ao menos formalmente, uma oposição do tipo *presidenta* vs. *presidente* vs. *presidente*. O prejuízo é que o emprego de formas como *presidenta* reduzem (*sic*) neste caso seu potencial pragmático de inclusão, que parece mais efetivo num contraste binário.

Também não é produtiva a argumentação de que a Linguagem Neutra fundamenta a sua viabilidade no fato de que alterações deliberadas na língua já foram efetivadas na forma de inserção de novos itens lexicais. Como argumento favorável à

⁸ Essa fala consta na nota 2 dos organizadores do Curso, Charles Bally e Albert Sechehaye, à página 115 (Saussure, 2012).

⁹ Conferir Schwindt (2020: 16): “O emprego, para fins de neutralização, de x e @, contudo, se diferencia importantemente do emprego de -e, pelo fato de os primeiros só se aplicarem à escrita [...], uma vez que esses caracteres não encontram correspondência conhecida no sistema fonológico do português. Esse argumento, aliás, passou recentemente a figurar em muitas recomendações sobre uso inclusivo de gênero, que orientam hoje que se evitem tais formas, por não poderem ser processadas plenamente por leitores automáticos, o que exclui pessoas privadas de visão”.

mudança linguística, poderia ser citada, por exemplo, a palavra “cardápio” que se apresenta com data de nascimento nos dicionários¹⁰ ou as palavras criadas para nomear os avanços tecnológicos ou, ainda, escritores como Guimarães Rosa ou Manoel de Barros que demonstram inventividade em suas obras, o que atestaria, segundo essa argumentação, que essas alterações deliberadas estariam no mesmo nível de consciência da Linguagem Neutra quanto ao fator criatividade dos falantes.

Esses argumentos, no entanto, não são válidos em uma discussão acerca do sistema linguístico, visto que o surgimento ou a criação de itens lexicais não significam alteração no sistema, este que é organizado por elementos inter-relacionados que constituem as permissões ou proibições de funcionamento (como ser possível o artigo vir antes, mas não depois do substantivo). Alteração no nível lexical não se efetiva, portanto, como alteração no nível do sistema linguístico, e, ainda, “Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (Bakhtin, 2003 [1953]: 268).

Entre esses obstáculos, citados anteriormente, para inserir a Linguagem Neutra numa discussão essencialmente linguística está o fato de que um mecanismo empregado por essa proposta é o de suprimir a desinência de gênero como em “tods”¹¹. Entretanto, no funcionamento da morfologia de nossa língua, a ausência de marca de feminino constitui a presença do gênero gramatical masculino. É o que se confirma na oposição autor x autora, professor x professora, senhor x senhora. Esse recurso assumido pela Linguagem Neutra é pouco produtivo entre os seus usuários e tende a ser abandonado com vantagem à partícula “-e” (todes)¹².

¹⁰ No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p. 403, a data apresentada é 1899. A criação da palavra “cardápio” está associada ao filólogo brasileiro Antônio de Castro Lopes, que não achava apropriada a palavra *menu* por ser estrangeira. Caberia questionar o caráter estrangeiro das bases dessa palavra (*charta* e *dapis*) do latim (papel e refeição, respectivamente). Conferir Menón (2007: 149).

¹¹ Conferir a seguinte publicação: “Nos usos do ativismo, usa-se: ‘Nossas saudações a tod@s’, ‘todxs’, ‘todes’ e, mais recentemente, ‘tods’”. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/todas-todes-todos-tods-todxs-tods-ativismo-social-genero-e-usos-da-lingua/>. Acesso: 30 de outubro de 2022.

¹² Apesar dessa vantagem, há ainda empecilhos: “A sugestão de adoção da sequência final *ries* ao nome [professor**ies**] visa a distingui-la do plural do masculino, *professores*. Meu entendimento é de que esta regra é pouco natural (...) no sistema do PB. O fato é que, apesar de o português contar com um conjunto restrito de vocábulos, todos femininos, terminados na sequência *rie* átona – a saber, *cárie*, *série*, *barbárie*, *intempérie*, *superfície* –, está sujeito nesses casos a um processo de redução ou monotongação” (Schwindt, 2020: 6). Em nota na mesma página, Schwindt continua: “Intencionalmente ou não, a classificação conduz à tese de morfologização dessa estrutura segmental (e, por paralelismo de *res* e *ras*). Essa análise, entretanto, falha no mínimo pelo fato de /r/, neste caso, ser parte da raiz das palavras a que se aplicam essas formas de plural (Schwindt, 2020: 6).

Todas essas restrições que obstaculizam a inserção de reflexões acerca da Linguagem Neutra no campo exclusivo das questões linguísticas asseguram outra reflexão que é a de considerar essa questão como pertencente ao nível do discurso, compreendido como o lugar para onde convergem, concomitantemente, questões de ordem linguística e sócio-histórica, e, portanto, lugar de especificidade de uma enunciação (Mussalim, 2008). De acordo com Maingueneau (2008: 34), é na relação entre formações discursivas em concorrência (isto é, em um espaço em que impera a heterogeneidade) que se constituem os discursos.

Esses modos de contato entre as formações discursivas se confundem com as lutas de classes que, por seu turno, implicam relações de exploração, relações de dominação e sujeição. Mas o sujeito não sempre é fatalmente assujeitado: ele se posiciona e demarca sua voz. Ao se posicionar contra a exclusividade do binarismo, a Linguagem Neutra instaura um processo de resistência a um discurso hegemônico ou dominante.

Declarar embate a ideologias dominadoras regulares na história concretiza “lutas antiautoritárias, formas de resistência” (Foucault, 1984; Fernandes, 2020: 136). Fernandes (2020: 136-137) analisa que tais lutas “categorizam os sujeitos e os correlacionam à própria individualidade, no sentido de conectá-los à própria identidade, que deve ser reconhecida por eles mesmos, e que os outros devem reconhecer neles”. Empregar marcas que buscam se adaptar à língua é uma dessas lutas “disseminadas na vida cotidiana” (Fernandes, 2020: 137).

Se é contingente afirmar que a Linguagem Neutra encontra ou não encontra (ainda) condições de se demarcar como um fato que altera o sistema linguístico da Língua Portuguesa, é pela análise de sua inscrição enunciativa no interdiscurso que ela pode ser compreendida em seu significado sócio-histórico.

1.2 A aparente neutralidade no discurso

Nenhuma manifestação de língua(gem) é neutra. O indivíduo interpelado¹³ em sujeito pelo discurso reafirma a ideologia à qual acede, podendo concretizar uma

¹³ A noção de “interpelação” remete à ideia de que os sujeitos são levados a ocupar uma posição ideológica sem terem consciência de que são levados a isso em função do efeito da ideologia.

desidentificação (fratura do elo identitário) com determinado discurso por meio de formas de resistência.

Assim, a serviço desse ou daquele discurso, o sujeito fará emprego da língua(gem) balizado pela ideologia que o atravessa sem que seja a origem do que diz e sem que esteja em pleno controle do que afirma, pois “a *tomada de posição* não é de modo algum, concebível como um ‘ato originário’ do sujeito-falante” (Pêcheux, 1995: 171-172, grifos no original).

Esse posicionamento ideológico não pode ser inteiramente espontâneo em vista da atuação de uma memória coletiva que constrói a realidade do sujeito por meio da língua(gem) e o constitui enquanto recrutado a operar em razão da ideologia encampada pelo discurso. E tal atuação, por sua vez, constitui-se perpassada por discurso(s) concorrente(s), paralelo(s), irmanado(s) ou antagonista(s), como a mãe ou o pai que diz ao filho pequeno para não fazer o que o colega indisciplinado faz. E o sujeito se determina, dessa forma, em vinculação com uma alteridade, visto que “o lugar ‘do outro discurso’ não é *ao lado*, mas *no* discurso (Authier-Revuz, 2004: 37, grifos no original).

É assim que a Linguagem Neutra não estabelece uma luta de si para si, mas, ao todo contrário, firma um embate, um enfrentamento com o outro que a ela própria constitui: a neutralidade faz reafirmar a oposição masculino x feminino enquanto combate essa mesma oposição para afirmar a si mesma; a neutralidade valida e legitima o masculino x feminino como um discurso dominante e efetivo que precisa abrir espaço a outros discursos que buscam lugar de existência em pé de igualdade; onde há masculinismo, que haja o “neutro”, em que o que há em um se distingue do que há no outro ou rivaliza com ele.

A constituição do discurso da neutralidade se realiza como presença enunciativa, seja constitutiva ou mostrada, de discursos outros com os quais essa neutralidade convive, (co)opera, concorre no sentido de se firmar em distinção necessária de minoritário x majoritário. O posicionamento de que a Língua Portuguesa tem termos preconceituosos ou que privilegia o gênero masculino se estabelece no

interdiscurso com significados sociais de vozeamento de minorias, principalmente negras¹⁴ e femininas¹⁵.

Há severas críticas a uma exclusividade de binarismo dos gêneros e uma crescente produção de “manuais de boas condutas linguísticas”¹⁶ que pretendem suprimir palavras e expressões discursivamente marcadas que refletem um apagamento social instaurado por relações sócio-históricas. A adequação de flexões de gênero que não se limitem à oposição masculino x feminino, como no emprego dos chamados pronomes “neutros” todos/todas/todes ou ele/ela/elu são materializações eloquentes de um discurso de ruptura com padrões de patriarcado. Nesse mesmo sentido, Carvalho (2021: 253) afirma que

O controle colonial sobre o pensar gramatical é o que nos faz acreditar, por exemplo, que a distribuição das categorias nominais, como gênero, obedece a uma tradição sexuada binária. Posso ousar afirmar, portanto, que o binarismo e, sobretudo, o patriarcado definiram sobremaneira os valores categoriais atribuídos a gênero.

A marcação linguística de uma sociedade forçosamente masculinizada se materializaria na oposição masculino x feminino com o privilégio gramatical do gênero masculino. Mas há também o discurso de que a língua(gem) jamais pode ser neutra, já que, se “o sujeito aprende o mundo por meio de discursos” (Tocaia, 2014: 216), todo empenho linguístico funcionará como posicionamento discursivo. Além disso, não é possível atribuir à Língua Portuguesa a qualificação de machista ou racista pelo fato de que não se trata de um código ajustável ou mero instrumento de comunicação. Disso decorre a crítica às constantes condenações de palavras como “denegrir” ou “criado”

¹⁴ Conferir, como exemplo, a publicação: NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

¹⁵ “No contexto brasileiro, a discussão acerca da marcação de gênero em estruturas linguísticas começou a ganhar destaque, de forma geral, quando, em 2011, ao assumir a Presidência da República, Dilma Rousseff autoproclamou-se presidenta do Brasil. Apesar de a forma no feminino ser dicionarizada e reconhecida como termo integrante da Língua Portuguesa, tal utilização foi alvo de inúmeras críticas na época, motivadas, sobretudo, pela percepção de que o termo constituía uma afronta às normas da língua culta ou de que seu emprego era desnecessário, tendo em vista a existência de um equivalente masculino – ‘presidente’ –, que abrangia tanto homens quanto mulheres” (Seidel, 2021: 2-3).

¹⁶ Conferir, por exemplo, o “Manual ampliado de linguagem inclusiva: Técnicas e reflexões sobre como escrever e falar, sem reforçar preconceitos de gênero, orientação sexual, cor/raça, xenofobia, ageísmo e capacitismo”, do jornalista André Fischer, publicado pela Editora Matrix em 2021. Veja-se, ainda, o “Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende”, publicado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul – Secretaria de Políticas para as Mulheres em 2014 (edição: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital).

ou estruturas como “amarrado no pau” ou “a coisa ficou preta”, que podem marcar posições discursivas, mas não regularidades do sistema linguístico.

Para Maingueneau, os discursos “não se constituem independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso” (Maingueneau, [1984] 2008: 21). A própria relação, seja de oposição seja de associação, é que constrói o discurso feminista em razão do discurso machista, por exemplo. Ou ainda constitui o discurso femeísta¹⁷, no embate dos discursos machista e feminista.

A Linguagem Neutra alude a pré-construídos em torno do que validaria o machismo para o espaço discursivo específico do funcionamento dos privilégios masculinos naturalizados e, portanto, não reconhecidos como privilégios, o que Althusser comenta no nome de “evidências”:

é uma peculiaridade da ideologia impor (sem aparentar fazê-lo, já que se trata de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer e diante das quais temos a inevitável e natural reação de exclamar (em voz alta ou no “silêncio da consciência”): “É evidente! É isso mesmo! É verdade!” (Althusser, 1996: 132).

O discurso da neutralidade ou o da igualdade de gêneros e de orientações sexuais, em que se inscreve a Linguagem Neutra como mecanismo de enunciação, atesta a existência de uma desidentificação com o discurso masculino x feminino, este que afirma o primado ou, ainda, a exclusividade, da dualidade de gêneros¹⁸. O lugar social da igualdade de gêneros e de orientações sexuais, por oposição, advoga que o fato de ser necessário afirmar-se homem ou mulher diante do grupo social se trata de uma “heterossexualidade compulsória” – conforme se lê, adiante, no Post 1: @universolgbti –, ao passo que tal aprisionamento reprimiria o que estava supostamente consolidado já no nascimento do indivíduo (“ninguém ‘vira’ nada”, Post 1: @universolgbti).

¹⁷ As regularidades morfológicas da Língua Portuguesa indicam que o sintagma lexical *machismo* se estrutura por um radical [mach-], suprimida a vogal temática [-o] e acrescido o morfema derivacional [-ismo]: [mach-o-ismo]. Conforme essa regularidade, a oposição a *machismo* seria *femeísmo*: [fême-a-ismo]. A despeito de tudo isso, é corrente o emprego da palavra *femismo* para indicar o discurso que se distancia da busca pela dignidade do sexo feminino e se opõe categoricamente ao sexo masculino.

¹⁸ Conferir por exemplo: “Com efeito, o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem; nem foi o homem criado para a mulher, mas sim a mulher para o homem. Por isso a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça por causa dos anjos” (I Coríntios 11, 8-10, Bíblia Sagrada, 1999: 1475).

A oposição, no interdiscurso, entre o não binário e o masculino x feminino é indicadora da constituição desse discurso não binário em análise, o qual declara a ocorrência de uma espécie de etiquetamento sexual do indivíduo em seu nascimento operado pelo discurso dito “cis-hétero”¹⁹ (Post 2: @universolgbt). A materialização desses discursos em concorrência se verifica adiante:



As pessoas precisam desconstruir muito alguns pensamentos. É muito comum escutar: "fulana virou lésbica" "fulana agora é bi" "fulano virou gay" Gente, ninguém "vira" nada! O que existe é uma coisinha chamada heterossexualidade compulsória, e muita gente viveu/vive presa nela.



Post 1: @universolgbt, 9 de outubro de 2022.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjgPDTmJHd8/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.



Post 2: @universolgbt, 26 de julho de 2022.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgfkH9erIHL/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.

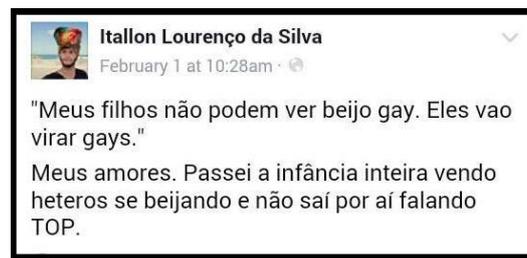
Para Pêcheux (1995), essa interpelação do indivíduo se concretiza, na verdade, antes do nascimento e não “assim que a menina nasce” (Post 2: @universolgbt). Após a descoberta do sexo (ou da genitália) do bebê que ainda não foi plenamente gestado, a determinação de um nome de efeitos simbólicos, promissor, avaliado positivamente,

¹⁹ O prefixo latino -cis significa “do lado de cá”; “cis-hétero” tem o sentido de que o sujeito se identifica com o mesmo gênero do nascimento.

é um processo dessa interpelação. Da mesma forma, a escolha da cor das roupas do bebê, o uniforme do clube de futebol, a decoração do quarto e seus brinquedos afirmam quem se obriga a ser o sujeito depois de inserido na vida social, mas estabelecem como deve ser reconhecido ainda dentro da barriga da mãe.

É nesse sentido que Pêcheux assegura que “a noção de ‘ato de linguagem’ traduz, de fato, o desconhecimento da determinação do sujeito no discurso” (Pêcheux, 1995: 171). O sujeito não é a fonte ou origem do discurso que professa porque as regularidades constituintes da ideologia que atravessa esse sujeito já estavam na memória discursiva que se formou nos espaços e nos campos discursivos, formulando-se continuamente em relação com outros discursos.

O discurso da igualdade de gêneros, de orientações sexuais, afirma a ineficácia da interpelação do discurso – dominante – de exclusividade do binário sobre o sujeito que rechaça a concepção de exclusividade de um binarismo: “Passei a infância inteira vendo heteros (*sic*) se beijando e não saí por aí falando TOP”²⁰ (Post 3: quebrandootabu).



Post 3: quebrandootabu.

Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/verdade/1065788236810896/>.

Acesso: 26 de outubro de 2022.

Neste ponto, em que se menciona uma possível ineficácia da interpelação do discurso hegemônico de exclusividade do binário, é mais preciso falar de uma

²⁰ Leia-se o que circulou no discurso midiático de infotimento em 11 de fevereiro de 2022: “O conceito da expressão ‘**hétero top**’ foi criado em uma época onde a gíria ‘**top**’ foi popularizada pelos **jogadores de futebol** e viralizou entre os homens que se inspiram nesses atletas. As mulheres prontamente fizeram a associação ao ‘**hétero**’, pois a maioria dos homens de atitudes machistas usavam essa gíria, e logo virou uma espécie de piada entre elas, um tipo de deboche. Para a sociedade, o **hétero top** é o homem que possui determinados comportamentos como: uma autoestima extremamente elevada, machismo, tratar mulheres como objetos, ser infiel, ter o costume de se vangloriar pelas condições financeiras e bens, além de suas próprias qualidades”. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/bbb/veja-o-que-e-hetero-top-termo-usado-no-bbb-para-citar-masculinidade-toxica-1.495458>. Acesso: 26 de outubro de 2022, grifos no original.

“interpelação às avessas” (Pêcheux, 1995: 299) em que “não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (Pêcheux, 1995: 304).

1.3 A materialização do discurso de resistência

O sujeito discursivo, num processo de assujeitamento, não é sempre plenamente submisso (Silveira [Mussalim], 1996). Não é por via de regra que o assujeitamento se concretize sem esforço de reação, de oposição e de resistência, pois “é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’” (Pêcheux, 1995: 304). O sujeito, tantas vezes, está apto a pensar a própria constituição do eu, a marcar posturas e identidades e a se localizar socialmente ainda que (e por isso) se encontre em conflito com um discurso preponderante.

A oposição ao que engendra o governo sobre o outro ou que põe em prática esse domínio implica resistir e produzir. Fernandes (2020: 131) afirma “a resistência como força produtiva caracterizada por criatividade”, definição que dialoga com Foucault e que é tomada como perspectiva basilar neste artigo. Com referências foucaultianas, Fernandes (2020) faz perceber o fato do sujeito, ou melhor, dos sujeitos que propõem ativamente uma contraconduta dentro das batalhas que os alvejam com o objetivo de assujeitamento:

Nesse jogo, de um lado os sujeitos utilizam de estratégias de poder para conduzir as lutas empreendidas, lutas às vezes sutis, inerentes às relações cotidianas. De outro, por meio da resistência, os sujeitos vislumbram criar algo diferente do esperado no jogo. Também estão no jogo, na luta, mas, nesse jogo, ao invés de responder ao esperado pelo poder, a resistência implica a criação da diferença (Fernandes, 2020: 134-135).

Através da resistência é que se estabelece o discurso distinto, a postura diferente, o posicionamento em outro lugar, não correspondendo a essa expectativa do poder que se deseja sempre dominante, mas encontra recusa. Por si mesma, a resistência também é, *sui generis*, demonstração de poder e, “como um exercício de poder, situa-se na discussão ética da liberdade” (Fernandes, 2020: 132). Visto que os discursos se constituem em relação uns com os outros no interdiscurso, as lutas por liberdade e poder fortalecem e definem as estruturas regulares em cada formação discursiva, como o discurso não binário se reforça em estratégias, e o binarismo se

reafirma, por sua vez, com seus mecanismos próprios, reafirmando a própria condição de livre para escolher, livre para se constituir, até porque a liberdade é condição *sine qua non* para a operação das relações de poder: “se é verdade que no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma ‘insubmissão’ e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual” (Foucault, 1995: 248).

Nesse confronto, há o argumento, favorável ao binarismo, de que algumas pessoas não se sentem representadas pela Linguagem Neutra, e que ela pode gerar exclusão²¹ de deficientes visuais e auditivos. Séries de outras defesas se põem pelo discurso do binarismo nesse mesmo sentido, afirmando que a língua seria um patrimônio a ser protegido de uma devassa, demonstrando nessa argumentação uma concepção conservadora do que seria língua(gem).

No âmbito da análise tradicional das gramáticas normativas de Língua Portuguesa, o conflito na problemática dos gêneros não se resolveria. Uma estrutura como “Passei com ele lindos noites e dias” – improvável na interação rotineira de uma comunidade linguística real – poderia gerar algum estranhamento em quem fala português naturalmente. Ela é um contra-argumento inquietante a quem diz que a Língua Portuguesa é machista, a quem afirma que a concordância no gênero masculino se sobrepõe ao feminino. O receituário da gramática traz a regra (clara?): quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, estiver anteposto aos substantivos, “concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo” (Cunha, 2013: 158). Em palavras mais simples, isso quer dizer que também há, na norma padrão, estruturas em que a concordância no feminino é obrigatória, ainda que haja presença masculina: “Passei com ele lindas noites e dias”.

Uma reflexão mais produtiva e segura é a de invalidar o argumento de que a Língua Portuguesa é machista. Isso não se relaciona meramente ao que afirma a gramática tradicional, mas ao fato de a língua materializar discursos machistas com uma história de formação sem que a língua seja a origem do efeito de sentido e sem

²¹Conferir a publicação: “O governo Bolsonaro proibiu o uso da chamada ‘linguagem neutra’ — que inclui termos em que os artigos (*sic*) masculinos e femininos são substituídos pelas letras ‘x’ ou ‘e’ — em projetos financiados pela Lei Rouanet”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/todes-nao-pode-governo-proibe-uso-de-linguagem-neutra-em-projetos-financiados-pela-lei-rouanet-25255165>. Acesso: 26 de outubro de 2022.

que as regularidades de funcionamento linguístico possam engendrar os posicionamentos machistas. Esse machismo, que a Linguagem Neutra busca combater, está constituído sócio-historicamente, e a materialização linguística pode provar, no mundo, as práticas e manifestações desse discurso.

O mundo é heterogêneo, ou melhor, uma concepção unívoca da realidade não é possível em meio a um sem-número de discursos concorrentes. O que há, efetivamente, são modos de dizer o mundo, a depender dos grupos sociais que o desejam representar ao longo das relações históricas. Colocar em curso esse projeto de representar o mundo e fazer com que ele assim seja visto por outros sujeitos pode se instaurar como um processo monocrático, autoritário e intransigente, por vezes, violento:

O Estado é uma “máquina” de repressão que permite às classes dominantes (no século XIX, a classe burguesa e a “classe” dos grandes latifundiários) assegurarem sua dominação sobre a classe trabalhadora, submetendo estas últimas ao processo de extorsão da mais-valia (isto é, à exploração capitalista) (Althusser, 1996: 111).

Essa “máquina” que é o Estado opera, conforme Althusser (1996), com vários aparelhos que mantêm em funcionamento as condições para que o discurso dominante continue a dominar. O partido político, a imprensa, as artes, a literatura, a igreja, a família, a escola estão a serviço da nação para reproduzir condições de funcionamento dos discursos. A análise de Althusser se fundava em uma perspectiva marxista, portanto, umbilicalmente vinculada à noção de que as lutas de classes seriam desproporcionais quanto às formas de relação entre dominante e dominado.

Essas relações de desigualdade e contradições (Pêcheux, 1995: 191) apontam para uma sujeição ou submissão dificilmente solúvel, talvez irreversível; entretanto, “em se tratando de poder, na acepção foucaultiana, não há uma oposição binária e global que demarca de um lado os dominadores e de outro os dominados; o poder vem de todos os lados” (Fernandes, 2020: 132). A resistência, por sua vez, aponta para o caminho da luta pelo lugar social reconhecido. A Linguagem Neutra, em sua luta, combateria um discurso fortalecido historicamente por aparelhos ideológicos distribuídos ao largo das comunidades como a religião, a mídia ou a família. A atuação desses aparelhos ideológicos é percebida e é enfrentada pelos movimentos LGBTQIAP+, como representam os posts 4 e 5, a seguir:



Post 4: @universolgbtq, janeiro de 2023.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cnxb8ZMJf3O/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.



Post 5: @universolgbtq, 26 de fevereiro de 2022.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CadbpLLLwUX/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.

O Post 4 inscreve a família como um aparelho ideológico que interpela o sujeito em um estereótipo pré-estabelecido na história que define um homem viril com direitos e poderes sobre várias mulheres. Entretanto, a imagem de um corpo feminino, sensualizado, demonstra um princípio de poder e autonomia antes do nascimento. É uma referência à resistência.

O Post 5 repete a estrutura “o gênero que lhes foi designado”, reafirmando as ocorrências de um recrutamento para o gênero que a comunidade irá validar independentemente da voz do próprio sujeito. Ao enunciar “lhes foi designado”, reitera-se o fato de que houve a atuação de uma exterioridade ao sujeito, remetendo à possibilidade de vários aparelhos ideológicos distintos. Por último, o post afirma que “a não binariedade é um ‘guarda-chuva’ para diversas identidades de gênero”, instituindo na negação clara a recusa que é a própria resistência.

2 A linguagem em funcionamento neutro

A Linguagem Neutra se manifesta em vários ambientes sociais, conduzidos em língua(gem) oral ou escrita, mas os recortes que estão analisados nesta discussão tomam o funcionamento virtual desse fenômeno, ambiente em que ganhou consistência e força. Os perfis públicos, ativos no Instagram, com os nomes @universolgbti e @lgbtq_orgulho_ publicam milhares de posts entre os quais se adota a Linguagem Neutra ou se discutem aspectos relativos ao discurso de combate à exclusividade do binarismo a fim de que o espaço seja ampliado para além de uma concepção definitivamente bipolarizada. É o mesmo que diz Machado (2019), quanto a esse engajamento e busca por visibilidade:

Os transexuais, ao mobilizarem-se e reivindicarem direitos, buscam modificar não apenas a forma pela qual a sociedade os enxerga, mas tentam também garantir sua participação em diferentes áreas. Através do movimento denominado “Queer”, tem-se a aglutinação de ideais e de forças transgressoras e esses indivíduos, aos poucos, adquirem visibilidade e voz, ocupando, assim, espaços que antes lhes eram negados (Machado, 2019: 41).

Em luta contra essa negação de direitos, contra a exclusão social e contra a primazia da dualidade intransigente quanto ao reconhecimento de gênero, a “resistência possibilita a criação de formas de existência” (Fernandes, 2020: 133). A Linguagem Neutra é um expediente de um discurso constituído na história que reivindica um lugar social resistindo e reelaborando modos de se identificar e de se localizar. É o que se verifica no post adiante:



Post 6: @universolgbti, 14 de outubro de 2022.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjtyBdALxuj/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.

Um fato significativo relacionado à materialização linguística explicitada no Post 6 demonstra o caráter de história que constitui a essência dos discursos. O ancoramento histórico dos fatos sociais é um elemento determinante na concepção de cada discurso. Pêcheux (1995), pensando o discurso científico, afirma que “não é o Homem que produz conhecimentos científicos, são os homens em sociedade e na história, isto é *a atividade humana social e histórica*” (Pêcheux, 1995: 190, grifos no original). Na história das lutas de classes, das relações sociais, estão inscritos, conforme esse pensamento de Pêcheux, discursos específicos que jamais se processam separadamente dessas lutas.

O Post 6 foi publicado no século 21, empregando a forma *todes* como pronome neutro. Esse texto pode ser colocado em relação a um discurso do século 20 mostrado na análise linguística de Laroca (1994) quando ela afirma a existência delimitada, restrita e fechada de tão somente dois gêneros na Língua Portuguesa: “Do Latim *genus*, significando classe ou tipo, o morfema de gênero é uma categoria gramatical que divide os nomes substantivos em masculinos e femininos” (Laroca, 1994: 45).

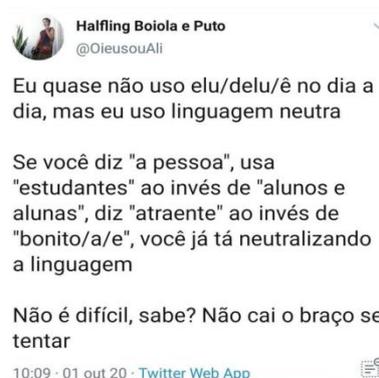
A relação entre esses dois textos evidencia que ideologias de grupos sociais se marcam na língua. O discurso científico da Linguística do século 20 no texto de Laroca (1994) não conheceu a dinâmica social recorrente no século 21 de empregar uma variação não binária de gênero, um fenômeno recente em Língua Portuguesa.

Outra rede social, anterior na história em relação ao Instagram, o Facebook, criado em 2004, também traz postagens que tocam no tema da Linguagem Neutra. Neste texto, o post do Facebook foi analisado – devido ao efeito de sentido de sua metalinguagem – mas o recorte aqui se volta para a contemporaneidade do Instagram. O Post 7 (@lgbtq_orgulho_), do Instagram, e o Post 8 (desconstruindopreconceitos), do Facebook, foram comparados adiante em suas estratégias de neutralização do gênero:



Post 7: @lgbtq_orgulho_, 26 de setembro de 2022.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ci9O-fMsABz/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.



Post 8: desconstruindo preconceitos.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/desconstruindoconceitos/photos/a.1565211943738309/2732352663690892/?type=3>. Acesso: 29 de outubro de 2022.

O Post 7 usa uma forma inusitada e imprevisível pelas proposições convencionais da Linguagem Neutra. O emprego da palavra em Língua Inglesa *others* é um mecanismo eficaz de isenção, ou melhor, de oposição, quanto às opções de flexão de gênero no binarismo tradicional. É oportuno fazer uma comparação com o Post 8, o qual sustenta o discurso favorável à Linguagem Neutra e afirma que há alternativas para neutralizar a enunciação²², além de formas como *elu* e *delu*.

A estratégia defendida por esse post é a de que palavras como *estudante* ou *atraente* se esquivam da oposição *aluno x aluna* ou *bonito x bonita* ou rechaçam essa

²² "Tais empregos se classificam melhor, eu diria, como *uso neutro de gênero* do que exatamente como *uso de gênero neutro*" (Schwindt, 2020: 19, grifos no original).

oposição. Este é já um posicionamento mostrado através de marcas da língua de que não se aceita a forma delimitada do binarismo, o qual exerceu na história da humanidade um papel de preponderância, sobretudo, em relação ao poder do masculino sobre o feminino “e, quanto ao poder, Foucault considera que todos podem se encontrar em relações de poder, nas quais procuram modificar as formas de dominação, as formas de conduta, por meio de estratégias possíveis” (Fernandes, 2020: 133). O Post 8 se baseia no conhecimento sobre o gênero invariável de algumas palavras. Laroca (1994) comenta o caráter lexical – e não flexional – do gênero do substantivo, inerente a este e “na maioria das vezes independente do seu significado” (Laroca, 1994: 45). Ela acrescenta que “os nomes adjetivos, ao contrário, não têm um gênero próprio imanente: quando bifformes, admitem uma flexão de gênero em concordância com o substantivo que determinam” (Laroca, 1994: 45). Note-se que Laroca (1994) representa a voz do discurso que admite o que é “bifforme”. É contra isso, contra essa dicotomia forçosa que se apresenta blindada e impenetrável, que o discurso não binário luta, resistindo.

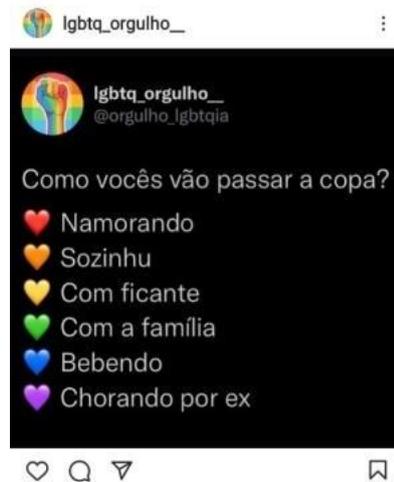
Outras estratégias são percebidas nos Posts 9, 10 e 11, à frente, evidenciando mais formas de criar e resistir:



Post 9: @lgbtq_orgulho_, 14 de outubro de 2022.
Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CjthJwTr5Vv/>.
Acesso: 13 de fevereiro de 2023.



Post 10: @lgbtq_orgulho_, 7 de setembro de 2022.
Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CiOUei2r9lJ/>.
Acesso: 13 de fevereiro de 2023.



Post 11: @lgbtq_orgulho_, 09 de outubro de 2022.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjgxSvgrfQ2/>. Acesso: 13 de fevereiro de 2023.

Esses três textos (Post 9, Post 10 e Post 11) apresentam o mesmo recurso para a neutralização, que é a proposta de “u” como desinência de gênero: “paru minu namoradu” (Post 9), “minhu namoradu” (Post 10), “Sozinhu” (Post 11). Esse mecanismo pode levar ao enfrentamento de um obstáculo na realização em língua oral. Em análise de casos como gato/gata ou ele (por oposição a ela), este (opondo-se a esta), esse (em relação a essa) e aquele (distinguindo-se de aquela), ou, ainda, leitor (por oposição à leitora), Laroca (1994: 48) descreve e analisa que “o morfema masculino é representado pelos alomorfes /O ~ E ~ Ø/” em que a desinência de masculino “-o” realiza-se foneticamente como /u/: “-O- (foneticamente [u])” (Laroca, 1994: 48). Quando a Linguagem Neutra propõe que “u” funcione como desinência não binária, o problema que se apresenta é a falta de distinção no nível fonético entre menino e meninu, por exemplo.

O que legitima a proposição de marcar uma neutralização com “-u”, ainda que gere convergência fonética com “-o”, é o emprego da Linguagem Neutra no ambiente virtual, isto é, na internet, nas redes sociais, em que esses usos encontram eficácia e funcionamento. As objeções com que se depara a Linguagem Neutra na meta de alterar o sistema demonstram-se também nessa convergência fonética, mas esse fato não debilita nem arrefece sua inscrição em um posicionamento discursivo de resistência a um discurso dominante/dominador, tampouco faz cessarem os atos de busca por mudança consciente no sistema.

3 Considerações (finais?)

A Linguagem Neutra é, simultaneamente, um ato e um efeito de língua(gem). É ato porque contesta e recusa, e porque advoga um lugar social com sinais explícitos. É efeito porque se engendrou e se formou a partir de pré-construídos que já definiam o binarismo como discurso único e definitivo, o que construiu o discurso distinto, negativo e mais amplo da não binariedade.

Essas marcas de língua não constituem, por hora, elementos ao largo do sistema linguístico, pois o sistema autônomo, com signos interdependentes, não admite alterações abruptas pelo fato de a mudança social se realizar no curso paulatino da história. As adequações linguísticas para se conformar aos propósitos do não binarismo encontram dificuldades para se estabelecerem, como o obstáculo de operar no contexto virtual das redes sociais e, por isso, não passar ao nível oral com os mesmos mecanismos (menin@ ou meninxs). As propostas são eficazes em vocativos e saudações, mas não são sistemáticas em relação a outros elementos do enunciado como determinantes em contextos maiores que apenas os chamamentos.

O fato de a mudança linguística ser lenta e gradual (Faraco, 2005: 33) não permite que, neste momento da história, se atestem alterações em grande escala no sistema que insiram as proposições da Linguagem Neutra como inerentes à Língua Portuguesa. A Linguagem Neutra não está contida sem obstáculos no sistema da Língua Portuguesa, mas as mudanças conscientes talvez façam com que essa linguagem venha a constituir o sistema. Entretanto, e mesmo por esses motivos, é contingente a afirmação de que as marcas dessa linguagem assim se manterão distantes, fora do sistema e (im)possíveis de se estabelecerem. É no futuro de nossa língua, em tempo impreciso e indeterminado, que se verá ou não o funcionamento efetivo, espontâneo e sistematizado das marcas de neutralização em Língua Portuguesa e não “apenas” uma linguagem à margem do sistema.

“Apenas” uma linguagem, ainda que fora do sistema linguístico, opera significativas relações entre grupos sociais. Fernandes (2020) afirma que, “como já assinalamos com Foucault, assim como o poder, a resistência é inventiva, móvel, produtiva; ela funda-se nas relações de poder, das quais, por vezes, é o resultado, das quais ela não se dissocia” (Fernandes, 2020: 135).

A Linguagem Neutra enfrenta, agora, estorvos para a alteração do sistema linguístico, todavia as incontáveis questões morfológicas, sintáticas, metalinguísticas e metapragmáticas de que se ocupam os linguistas motivados por questões ligadas ao tema

inscrevem a Linguagem Neutra no âmbito linguístico. Em destaque, os posicionamentos – de linguistas ou não – implicados pela legitimação ou reproche do uso da Linguagem Neutra efetivam sua inscrição inequivocamente no âmbito discursivo, pois é no espaço privilegiado de natureza discursiva, é por meio do discurso, que os sujeitos marcam seus posicionamentos ideológicos. E ainda que não se possa afirmar uma mudança de grandes proporções no sistema pela Linguagem Neutra, é, porém, a sua força na luta social que estabelece uma resistência, a qual possibilita o terreno para a mudança, pois “resistir implica modificar a dominação do poder, não se deixar ser aprisionado por ele, investir nas possibilidades de luta, de transformação, o que pode demandar a criação de novos espaços” (Fernandes, 2020: 135).

REFERÊNCIAS

ALTUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ADORNO, Theodor W. [et. al.]. *Um mapa da ideologia*. Slavoj Zizek (org.). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 19. ed. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda., 1999.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n.º 5.385, de 04 de dezembro de 2020*. Estabelece medidas de proteção ao direito dos estudantes brasileiros ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com a norma culta e orientações legais de ensino, na forma que menciona. Brasília: Câmara dos Deputados, 2020c. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1946646&filename=Tramitacao-PL+5385/2020. Acesso em: 5 dez. 2020.

CARVALHO, Danniell da Silva. Sobre a domesticação do gênero gramatical. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 60., p. 248-267, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661465/26452>>. Acesso: 16 jun. de 2022.

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível da consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 73-93.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Ed. ampliada. São Paulo: Parábola: 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Corpo e resistência na história do presente. In: Amanda Braga; Israel de Sá. (Org.). *Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2020. p. 127-150.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: Uma trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. p. 229-249.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2009.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do Português*. Campinas (SP): Pontes Editores/EDUFJF, 1994.

MACHADO, Cristina Alvares Ribeiro. Alguns apontamentos sobre a diversidade de gênero nos esportes. *Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara*, v. 1, n. 2, set./dez. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENÓN, Lorena. *Minigramática sem segredos*. – São Paulo: Escala Editorial, 2007.

MUSSALIM, Fernanda. *Linguística 1*. IESDE Brasil, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34.^a ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEIDEL, Verônica Franciele. Linguagem neutra: uma análise baseada na teoria dialógica do discurso. *Letrônica: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre*, v. 14, n. 4, p. 1-14, out.-dez. 2021.

SENA GOMES, R. M. Afinal, qual a diferença entre Linguagem neutra e Linguagem Inclusiva de Gênero?. *Revista Roseta*, v. 5. n. 2, 2022. Abralín, 2022. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2022/09/14/afinal-qual-a-diferenca-entre-linguagem-neutra-elinguagem-inclusiva-de-genero/>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

SILVEIRA, Fernanda Mussalim. *“Lembra quando Pêcheux dizia que os sujeitos envolvidos em uma interação discursiva são plenamente assujeitados pela formação social a que pertencem? Tudo mentira!”* Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti. 1995. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1995.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português e os limites do sistema linguístico. *Revista da Abralin*, v. 19, n.1, p. 1-23, 2020.

TOCAIA, Luciano Magnoni. *Linguagem e ensino: identidade e diversidade discursiva em livros didáticos brasileiros e franceses*. 2014. 311 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

Artigo recebido em 27 de abril de 2023.

Artigo aceito para publicação em 30 de agosto de 2023.